

## **Entrevista**

### **Audálio Dantas: o sr. reportagem**

*Augusto Diniz<sup>1</sup>*

Audálio Dantas é um defensor da grande reportagem na mídia impressa como modelo de jornalismo para suplantar a informação instantânea da internet. A sua opinião tem por trás a força de uma extensa biografia como jornalista nesse campo. São 60 anos de profissão e que tem como capítulo mais recente a conquista, no final de 2013, de duas importantes láureas: o Prêmio Jabuti de melhor livro de não ficção do ano, com a obra “As duas guerras de Vlado Herzog” (Civilização Brasileira, 2012), e o Troféu Juca Pato como intelectual do ano, entregue pela União Brasileira de Escritores (UBE).

O jornalista Audálio Dantas, 84 anos, é da geração dos anos 1960 que participou do movimento do jornalismo de desenvolvimento de grandes reportagens sobre temas nacionais na mídia impressa, que inclui ainda nomes como Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Eurico Andrade, Joel Silveira, Jorge Andrade, José Hamilton Ribeiro, Marcos Faerman, Otto Maria Carpeaux, dentre outros. Naquela época, a imprensa brasileira sofria influência do *New Journalism*, surgido nos Estados Unidos na década de 1960 e que misturava a narrativa jornalística com a literária - no Brasil, alguns preferem chamar de Jornalismo Literário.

Alagoano de Tanque D’Arca (AL), Audálio Dantas começou como repórter da *Folha da Manhã* (antiga *Folha de S. Paulo*) em 1954. Logo conquistou espaço por ser bom repórter e ter um texto de qualidade. Foi no começo da carreira que produziu a reportagem que considera a mais importante de sua vida: a de uma favelada em São Paulo (SP) que escrevia um diário sobre as agruras de viver em condições subumanas. A reportagem ganhou repercussão nacional e internacional e o diário virou livro: “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (Ática, 1960), de Carolina Maria de Jesus, que foi traduzido para 13 idiomas.

---

<sup>1</sup> Augusto Diniz é jornalista pós-graduado em Jornalismo Científico pela Universidade de Taubaté (Unitau-SP) com bolsa da Fapesp.

O intrépido jornalista passou ainda pelas revistas *O Cruzeiro* (extinta), *Quatro Rodas*, *Veja*, *Realidade* (extinta), *Manchete* (extinta) e *Nova*. Várias de suas reportagens se transformaram em denúncias.

Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo a partir de 1975 e foi voz ativa contra a omissão do governo em não apurar a morte do jornalista Vladimir Herzog - fato que o motivou a escrever e publicar o livro "As Duas Guerras de Vlado Herzog". Em 1983, assumiu a presidência da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Foi eleito deputado federal pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1978. Em 1981 recebeu o Prêmio de Defesa dos Direitos Humanos da ONU.

Outros livros publicados: "O Circo de Desespero" (Símbolo, 1976), "Tempo de Luta – Reportagem de uma atuação parlamentar" (Independente, 1981), "O Chão de Graciliano" (Tempo d'Imagem, 2007), "O Menino Lula" (Editora Ediouro, 2009) e "Tempo de Reportagem" (Editora Leya, 2012).

Para discorrer sobre a importância que tem a grande reportagem e o que ela pode representar para o jornalismo na atualidade, o jornalista Audálio Dantas concedeu, em sua casa em São Paulo, com exclusividade à revista *Tropos - Comunicação, Sociedade e Cultura*, a seguinte entrevista:

**O sr. participou do período em que a imprensa brasileira produzia muito grandes reportagens. Como foi esse movimento?**

Era outra concepção. Cada reportagem era um investimento. Tratavam-se de matérias que tinham apuração de dois meses, com viagens de dois meses. Já se fazia grandes reportagens no Brasil, só que de forma esporádica. Mas nos de 1960 ela se tornou comum. A revista *Realidade* (fundada em 1966 e na qual trabalhou) foi montada em cima dessa proposta, para discutir temas que eram tabus no País, ligados a comportamentos, aos problemas sociais, apesar de vivermos naquela época sob a Ditadura Militar. Isso não era normal até então.

Utilizava-se técnicas literárias para se produzir o texto. Trabalhava-se em cima de um fato novo na imprensa brasileira. Não havia uma uniformização da linha editorial. Cada repórter era o autor. Eram matérias interpretativas. Não existia um revisor para

unificação de estilo. Isso fez com que alguns desses jornalistas se tornarem grifes. Eu fiz parte desse movimento.

### **A grande reportagem então já tinha história no País?**

Isso é uma questão que discutimos muito. Era novo no aspecto de movimento, mas a grande reportagem sempre existiu. No Brasil há exemplos notáveis no passado do que seja essa grande reportagem. Uma das mais significativas foi do jornalista Joel Silveira nos anos 40. Ele fez uma reportagem (intitulada "A milésima segunda noite da Avenida Paulista) para a revista Diretrizes (extinta) sobre o casamento da filha do Conde Matarazzo, que mexeu com a alta sociedade naquela época. Ele fez a matéria sem ir ao casamento, entrevistando pessoas que participaram do acontecimento. Virou um marco.

O texto de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, é uma grande reportagem. O livro tem dois aspectos: o rebuscamento da linguagem e o caráter científico, já que o autor era um engenheiro militar. Quando ele trata do homem, Euclides da Cunha é um cientista social. Depois que Euclides da Cunha descreve a Guerra de Canudos ele vira um repórter.

### **O que é uma grande reportagem?**

É um assunto bem apurado, um texto bem aprofundado e de qualidade. É o que hoje deveria ser mais percebido pela mídia impressa, não somente no Brasil, mas em qualquer parte do mundo. Quando se discute que internet a irá acabar com os meios impressos, é exatamente nesse sentido que se deve debater a questão. O advento da internet trouxe pânico às empresas jornalísticas que começaram a imitar o formato da *web*, que é o texto curto, imediato. E isso no Brasil é muito mal feito, com falhas de informação e de péssima qualidade. Quando a mídia impressa faz grandes reportagens, ela realiza aquilo que a internet não tem condições de promover pela instantaneidade do meio e suas características imediatistas.

### **Por que a mídia impressa hoje não faz grandes reportagens como no passado?**

O jornal deve se enveredar pelo aprofundamento, mas isso envolve investimento. Mas o que se vê hoje é um esvaziamento das redações. As matérias são feitas pelo telefone ou internet. Isso não cria vantagem para o veículo impresso. Além disso, faz-se necessário investir no jornalista para que ele possa realizar a grande reportagem.

### **Qual é o valor da mídia impressa?**

É a credibilidade. A apuração rigorosa dos fatos. A verdade dos fatos. O fato bem contado. Na medida em que os veículos impressos vão perdendo esses valores, fica difícil. A concorrência com a internet é impossível dentro desse contexto. A gente está diante de uma mexida muito grande, que exige que a mídia impressa se dedique a grande reportagem.

Eu fiz uma matéria sobre o rio São Francisco, da nascente a foz, para a revista *Realidade* (1972), que só de viagem durou 45 dias. Alugou-se um barco. Foi um investimento que hoje não se faz mais.

Se a imprensa insistir na prática de fazer jornalismo com pouco investimento, vai se afundar. Tem que repensar sobre isso. Claro que há uma diferença entre o noticiário do dia a dia e a grande reportagem. O noticiário pode ser apurado por telefone. Mas há casos em que se exigem a presença do jornalista, para que ele possa constatar se o que estão dizendo é verdade. É preciso verificar os fatos.

### **Como deve ser feita hoje a grande reportagem?**

Naquela época, aquelas grandes matérias representavam quase um descobrimento do País e de seus problemas. Hoje, seria diferente. A informação teria que ser apurada a partir da comparação com a informação que é publicada na internet. Um sujeito que vai se informar na internet, ele quer saber na urgência dos fatos. Mas outros leitores querem o aprofundamento, entender melhor os assuntos. Talvez não seja atualmente um público tão grande.

Fiz uma reportagem sobre um concurso de dança (publicada na revista *O Cruzeiro* em 1963). Um chefe de reportagem hoje pediria para apurar somente quem ganhou. Mas naquela época, eu fiz uma descrição do espetáculo, daquele verdadeiro massacre. Quando a reportagem chegou às mãos do diretor Odylo Costa Filho, que era um intelectual, ele me enviou um telex dizendo que acabou de ler os textos aos prantos. O texto tinha uma interferência muito grande do repórter, não sei se caberia hoje.

O jornalista de grande reportagem tem que ser humanista, tem que ir além do dia a dia. Há jornalistas querendo fazer isso, mas não há espaço na imprensa.

**O sr. teria exemplos de grandes reportagens publicadas hoje?**

De vez em quando participo de comissão julgadora de reportagem e vejo algumas matérias boas. Eu li outro dia uma de uma jovem jornalista do *Diário do Nordeste* em que ela foi ver o que era esse novo Nordeste. Vê-se falar nisso, mas não se sabe o que é. Ela saiu de Fortaleza, entrou pelo sertão do Ceará, passou por Pernambuco, pela Paraíba, e foi parar na Bahia, pegando exemplos do que é esse novo Nordeste. Foi uma série de reportagens. É isso que falta na mídia impressa.

Vi outro repórter que fez sobre águas no Brasil. Ele colocou o Planalto Central como grande fornecedor de fontes que vão alimentar grandes cursos de água. Ele mostra como a intervenção econômica, com a plantação de soja e a abertura de estradas, está interferindo nessas fontes e o que isso representa. É um assunto fantástico. É isso que estou falando de grande reportagem.

**Qual foi a sua maior reportagem?**

Sobre o livro da favelada de São Paulo. Antes ela tinha procurado vários jornalistas, mas que não se interessaram pela história por preconceito ou por preguiça. Essa foi a mais importante grande reportagem que fiz, pelo interesse que até hoje ela desperta na academia e nos jovens jornalistas. Foi importante pela repercussão nacional e internacional da matéria. O texto em si foi burocrático.